

Na Sala de Aula

QUINTA-FEIRA | 28 | AGOSTO | 2008



DIEGO REDEL

Dia Sete no colégio

Escola de São José levará para o desfile de Sete de Setembro projetos desenvolvidos durante o ano, e o aluno Daniel Melo está entusiasmado para participar. **Página 3**

QUESTÃO SOCIAL

Computador ajuda a incluir alunos carentes

Equipamento faz a diferença dentro da sala de aula e provoca choques entre a geração do papel e a da era digital. **Página 4**

OESTE CATARINENSE

Projeto reúne trabalhos de arte e de inglês

As professoras de Artes e de Inglês de São Carlos desenvolveram, juntas, trabalho que põe o corpo em evidência. **Página 9**

Decisão precoce

Com apenas 16 ou 17 anos, estudantes vão se inscrever para os vestibulares e decidir que rumo vão dar as suas vidas

Aos 16, 17 anos, a cabeça de qualquer adolescente está dando voltas em função das mudanças por que eles passam. Pois é justamente nesta fase que ocorre uma das decisões mais importantes da vida: ir em qual direção? Seguir qual carreira? Se você está neste dilema não se desespere. A incerteza na hora de assinalar a opção no vestibular atinge dois de cada três vestibulandos, segundo especialistas.

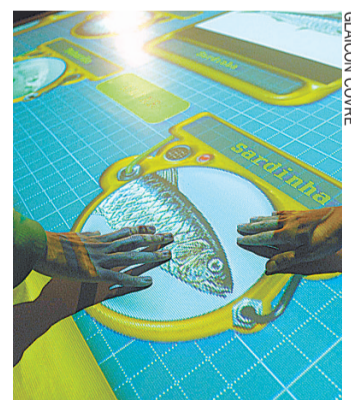
Moisés Medeiros, 17 anos, do terceiro ano do ensino médio, revela que perdeu algumas noites de

sono pensando na escolha.

Neste ano, mais de dois milhões de estudantes tentarão uma carreira universitária no país. São quase duas mil instituições de ensino superior, entre particulares e públicas. A grande variedade de cursos acaba por gerar no aluno mais indecisão, e as possibilidades aumentam a cada ano.

É comum, principalmente em colégios públicos, perceber alunos decidirem o curso em função da menor concorrência. **Páginas 6 e 7**

MUNDO ON-LINE



GLAUCON COVRE

Estudantes fazem gincana virtual em SC

Alunos que nem precisam pertencer à mesma turma participam da Gincana do Milênio, realizada através do uso de computadores. **Página 8**

Apresentação

Não bastasse a revolução no corpo e na cabeça de um adolescente, ele ainda precisa tomar uma das decisões mais importantes de sua vida aos 16, 17 anos de idade: qual carreira seguir. Está na hora de tomar a fatídica decisão que, muitas vezes, é revista um, dois, três anos mais tarde, quando muitos encontram o caminho, voltam à estaca zero e recomeçam outro curso superior.

Se você está neste dilema não fique desesperado. A incerteza no momento de marcar a opção no vestibular está na mente de dois em cada três estudantes que vão prestar o concurso. É cruel ver adolescentes comemorando a aprovação no concurso e, no ano seguinte, vê-los se preparando para outro vestibular porque não se encontraram no curso que começaram a fazer.

A decisão precoce sobre a carreira é o tema principal desta edição do DC na Sala de Aula, um suplemento realizado pelo **Diário Catarinense** em parceria com a Secretaria de Estado da Educação. Para esta matéria foram entrevistados jovens que estão à beira do vestibular e têm certeza absoluta sobre o futuro curso, e os que estão no dilema entre um curso e outro, ou então com dúvidas ainda maiores. Ainda foram ouvidos especialistas sobre o assunto. Eles fazem avaliações sobre a validade dos testes vocacionais disponíveis.

Há outros temas abordados por este caderno. Um deles é a inclusão social através do computador em sala de aula. Esta matéria trouxe uma curiosidade, que é o choque de gerações, a acostumada com papéis e a que nasceu na era digital. Os textos abordam a importância da ferramenta e o preparo necessário para utilizá-la nas escolas.

Outro tema interessante é a Gincana do Milênio, que reúne dezenas de estudantes da mesma série e de séries diferentes. Trata-se de uma competição virtual, e é impressionante o grau de compenetração dos competidores quando recebem uma tarefa.

Também são apresentados diversos trabalhos escolares feitos por crianças e adolescentes. Tenha uma boa leitura.

Mergulho na cultura

Em Mondaí, no Oeste de Santa Catarina, a professora de Artes Janete Luciana Muller desenvolveu com os estudantes de 7ª e 8ª séries um trabalho que os fez mergulhar na cultura brasileira. Eles são da Escola de Educação Básica Laju e a atividade buscou levar os alunos a uma viagem pela arte brasileira, fazer uma reflexão e trazer conhecimentos.

Os estudantes realizaram uma pesquisa e criaram as suas produções por meio da escultura e do desenho. Conforme a professora Janete, as produções artísticas se direcionaram para a criatividade e liberdade de expressão do aluno.

O trabalho de escultura foi relacionado a partir do estudo e pesquisa da arte barroca no Brasil e seu precursor e escultor Aleijadinho.



Geovana Cristina Schafer, 14 anos, 8ª série



Eder Germano Flesch, 14 anos, 8ª série



Tatiana Maria Back, 14 anos, 8ª série



Elizandra Luiza Spielmann, 14 anos, 8ª série



As esculturas foram realizadas pelos seguintes alunos: Sandra Elisa Moretti, Rafael Koning, Camille Distler, Jeferson Romitti, Cleomar Barbosa, Larice Marciane Neitzel

Mande-nos sugestões para que possamos aprimorar nosso trabalho. Descreva as experiências positivas ocorridas em sua escola e envie os trabalhos realizados através da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina.

Próximas edições do DC Sala de Aula

- ◆ 29 de outubro
- ◆ 3 de dezembro

Solicitamos que você envie o seu e-mail para que seja estabelecido um canal direto de comunicação

Grupo **RBS** **DIÁRIO CATARINENSE**

Na Sala de Aula

Diretor Geral: Diego Quevedo
Editor-Chefe: Claudio Thomas
Gerente Comercial: Marcelo Marthá
Gerente Operacional: Cláudio Sá
Gerente de Circulação: Adriano Araldi
Coordenadora do projeto: Vanessa Sanceverino Esteves
Textos do DC: Mariana Ortiga e Júlia Lorenço
Diagramação: Keli Cumerlato
Fotos: Glaicon Covre, Daniel Conzi e Flávio Neves
Edição: Tarcísio Poggia

Comunique-se com o DC:

Rua: Desembargador Pedro Silva, 2958 – Itaguaçu – Florianópolis- SC

☎ (48) 32163444

Fax: (48) 32163355

E-mail: nasaladeaula@diario.com.br

Temas para o dia Sete

Se as margens do riacho Ipiranga, hoje na cidade de São Paulo (SP), estavam realmente plácidas, só voltando no tempo para saber.

No entanto, é certo que a independência foi proclamada naquele dia 7 de setembro de 1822. A data continua sendo celebrada nas escolas, que preparam projetos, trabalham com o tema e até participam de desfiles.

Em São José, na Grande Florianópolis, cerca de 200 alunos da Escola Estadual Presidente Juscelino Kubitschek – nome do presidente da República que governou o Brasil entre 1955 e 1960 – devem participar do desfile do dia 7 de setembro, organizado pelo governo estadual e que será realizado na Passarela do Samba de Florianópolis.

A diretora da escola, Margarete Inácio da Silva, ressalta que não será apenas um desfile pelo dia da pátria. Eles irão mostrar na passarela os projetos realizados esse ano no colégio.

– Iremos caracterizar os alunos de acordo com cada assunto pesquisado.

Colégio trabalha as Olimpíadas

A escola trabalhou com o tema esporte, principalmente olímpico. Os alunos também tiveram encontros com representantes da Justiça do Trabalho e noções sobre política. Além de estudantes desfilando, a banda marcial da escola, Anjos do Amanhecer, irá se apresentar na parada. Ela é formada por alunos do colégio e de outras escolas.

– Começamos com poucos membros, que vinham ensaiar todo sábado de manhã. Agora já estamos em 55 membros. No começo eram só fanfarras, mas agora os músicos já tocam de tudo, como música popular brasileira.

A diretora espera que, para o desfile, eles consigam caracterizar a banda com uniforme.

Escola aborda o assunto em todas as séries

O assunto independência do Brasil é trabalhado em todas as séries do colégio. A professora Teresinha Lurdes Maggioni costuma

Dicas de Leitura

A historiadora e professora de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) Sílvia Maria Fávero Arend fez uma seleção de três livros voltados para professores. Ela ressalta que eles ajudam a compreender melhor os símbolos brasileiros:

> *As Barbas do Imperador*, de Lilia Moritz Schwarcz;

> *A formação das almas: O imaginário da república no Brasil*, de José Murilo de Carvalho;

> *Os símbolos do poder*, de Maria Eurydice de Barros Ribeiro.

abordar as questões que envolveram aquele período com estudantes de 5ª série ao terceiro ano do ensino médio.

Ela conta que procura resgatar o período da independência e o da República, trabalhando com cada presidente.

– Faço uma reflexão sobre o caminho à liberdade, à democracia. Principalmente porque estamos em ano de eleição.

Vestindo calça jeans e moletom, usando anel de prata na mão direita, o estudante Daniel Gonzaga Melo, 15 anos, não faz muito o tipo de quem desfilaria na parada do dia 7 de Setembro. No entanto, ele não só participará das comemorações como chamará os amigos.

Daniel Melo admite que, há cinco anos, achava chato desfilando, porém desde que compreendeu o significado da data para o país, ele gosta de participar dos eventos que marcam o dia.

Ele também garante que sabe cantar o hino nacional inteiro e conhece algumas partes do hino da bandeira.

Já no Colégio Estadual Getúlio Vargas, presidente que mais tempo governou o Brasil – entre 1930 a 1945 e 1951 a 1954 – os alunos não participarão do desfile, mas a data não passará em branco. A professora da 4ª série do ensino fundamental, Dulce Elena Pinheira Pereira, conta que já começou a trabalhar o assunto com seus alunos. A independência será abordada em todas as disciplinas.

– Iremos ver o Brasil de maneira positiva e negativa. Nada de enaltecer. É um trabalho de conscientização e irá até o final deste bimestre.



Daniel Gonzaga Melo, 15 anos, vai participar das comemorações do Sete de Setembro e ainda chamará os amigos

A importância de dom Pedro II

Dom Pedro I proclamou a independência. Mas e agora? Como fazer para que pessoas tão diferentes como negros escravos e brancos livres sintam-se parte da mesma nação?

A historiadora Sílvia Maria Fávero Arend, professora de História da Udesc, esclarece que os símbolos nacionais, como hino e a bandeira, ajudaram a formar uma unidade.

Entretanto, ela observa que a figura que mais contribuiu para isso foi a do imperador dom Pedro II, que assumiu o poder aos 14, pela antecipação da maioridade.

– O imperador estava acima de todos, era uma figura simbólica que contribuiu para a unidade.

Sílvia explica que depois disso outros aspectos começaram a ser pensados como a bandeira e o hino.

– Ao ver a bandeira sabe-se que estamos falando do Brasil. Ainda mais hoje, quando a imagem prevalece.

A bandeira do Brasil Império ganhou as cores verde e amarela, diferentemente das cores branca e azul da dinastia de Bragança, família real de Portugal. Porém, Sílvia explica que não há um consenso sobre a criação da fâmula. Apesar de muito se falar em verde das florestas e amarelo das riquezas minerais, há historiadores que relacionam essas cores com as do dragão símbolo da família de Bragança.

Já em relação ao hino, Sílvia conta que quando ele foi criado atingia

apenas uma pequena parcela da população brasileira.

– Dois terços dos habitantes eram escravos ou pobres. A música do hino, que ganhou letra depois, era muito erudita. Ela tinha significado para a minoria da população. Mas aos poucos foi caindo no conhecimento de todos, tanto que veio a República e o hino brasileiro continuou sendo o da independência.

A professora ressalta que esses dois símbolos continuam sendo importantes, mas não devem ser reverenciados de maneira acrítica. Ela acrescenta que hoje há outros símbolos, além destes.

– Os jogos da Seleção Brasileira, por exemplo, tem esse poder de construir a identidade e de pensar a nação.

O livro vermelho e pesado da enciclopédia Barsa está caindo no esquecimento dos estudantes. Aos poucos, os computadores têm sido incorporados nas aulas de algumas escolas estaduais de Santa Catarina e estão se consolidando como uma ferramenta importante de pesquisa, muito mais atraente para os alunos do que os papéis.

Na Escola Estadual Leonor de Barros, em Florianópolis, a incorporação do computador nas aulas é democrática e tem sido feita aos poucos. Uma agenda fica na sala dos professores, para que eles possam marcar o dia em que querem usar o laboratório de informática.

– Isso é feito de acordo com o currículo e a necessidade de cada um – explica a assessora de direção, Maria Else.

Além disso, os 10 computadores da escola precisam ser divididos pelos alunos, já que as turmas possuem de 20 a 30 estudantes. No entanto, as máquinas dispostas lado a lado no laboratório são um diferencial nas aulas da professora de Inglês Sharon Machado. Ela costuma levar seus alunos ao laboratório para eles pesquisarem mais sobre o assunto e praticar a escuta da língua inglesa em um programa disponível na plataforma Linux Educacional, distribuído pelo Ministério da Educação.

– Uma vez pedi para que eles pesquisassem países que tinham o inglês como o principal idioma. Quando eles localizaram no *google maps* a cidade de Nova York ficaram admirados. É muito mais interessante ver a imagem assim do que estática em um livro.

Ela afirma que o computador é um facilitador, que ajuda a aumentar a concentração dos alunos.

– Abre o campo de pesquisa nas nossas aulas. Antes íamos a biblioteca, hoje vamos para o laboratório. Além disso, os trabalhos dos alunos ficam ótimos. Eles me mandam por e-mail, eu já respondo com a nota. Tudo pela internet.

Resistência também vem dos alunos

Sharon Machado e Maria Else foram capacitadas pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da Gerência de Educação da Grande Florianópolis. Elas transmitem o que aprenderam a outros professores.

Sharon conta que muitos educadores têm resistência em aprender a mexer no computador, e ressalta que também há estudantes assim. No entanto, Maria também capacitada, acrescenta que alunos e professores acabam se apaixonando pelo computador e que, no geral, as máquinas são bem aceitas.

– A minha geração era do papel, a do livro, a deles é da informática. A nossa biblioteca, tadinha, está abandonada – observa Maria.



Da geração do papel, a professora Sharon Machado usa o computador para lecionar inglês a estudantes da era digital

A democracia do chip

Para Sharon, o laboratório é um sonho virando realidade.

– Ainda na faculdade, sonhei várias vezes que iria usar o computador e que cada aluno teria um disponível na sala de aula.

O sonho de Sharon é a vontade da aluna do segundo ano do ensino médio, Ruanyta Goulart de Oliveira, 16 anos. Ela não tem computador em casa e afirma que é bom utilizar o equipamento nas aulas, porque, ao mesmo tempo em que aprende o conteúdo, aprende a mexer na máquina. Porém, ressalta que às vezes é complicado ter que dividir o computador com mais três pessoas.



Alunos da Escola Leonor de Barros

A colega Paula Tuany Klause da Luz, 16 anos, também diz que são poucas as máquinas, mas considera a nova ferramenta interessante, principalmente para as pesquisas.

– É muito bom para acharmos

material de história, geografia. É legal também porque a escola disponibiliza os computadores para os alunos usarem quando necessário – justifica a estudante, que não tem computador em casa.

Importante mesmo é a formação do professor

De nada adianta os computadores chegarem à escola se os professores não forem preparados para trabalhar com eles. É a opinião do professor Walter Antonio Bazzo, doutor em educação do Departamento de Engenharia Mecânica e do Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC.

Bazzo acredita que os computadores, por si só, nada mais são que novas ferramentas de aprimoramento de técnicas didáticas.

– Assim como foram os ábacos, as régulas de cálculo e outros perdidos pela obsolescência ao longo dos tempos.

O professor estuda e pesquisa as relações entre ciência, tecnologia e sociedade. Ele pondera que o computador é uma ferramenta importante para a sala de aula, no entanto, mais importante do que isso é dar prioridade à formação do professor.

– Fazer da máquina a panaceia para os problemas educacionais pode ser mais uma das medidas extemporâneas que pode encobrir a verdadeira raiz do problema. A tecnologia deve ser utilizada, mas sem o material humano devidamente formado não adiantará muito.

Bazzo ainda reforça que o discurso de inclusão digital fica detido na tecnologia como solução de todos os problemas.

– Isso confere mais charme aos homens públicos que parecem realmente estar preocupados com a inclusão dos desfavorecidos. Penso que a inclusão das camadas desfavorecidas passa pelas prioridades da educação, que leva muito mais em conta o aprendizado para o ter, em detrimento do ser.

Na Grande Florianópolis, o Núcleo de Tecnologia Educacional da Secretaria de Estado da Educação capacita professores. A integradora de tecnologia educacional da Gerência, Maria Augusta Alves Ventura, informa que 120 professores de 30 escolas foram capacitados, mas existe uma demanda de 140 colégios. Segundo ela, o Núcleo está preparando o 2º Seminário de Tecnologia, no dia 7 de outubro, na Gerência.

O encontro, destinado a professores e formandos em magistério, abordará a tecnologia a serviço da educação.

A situação

Das 1.324 escolas da rede estadual de ensino público de Santa Catarina, 828 possuem laboratório de informática. A meta da Secretaria de Estado da Educação é que todas tenham pelo menos um laboratório.

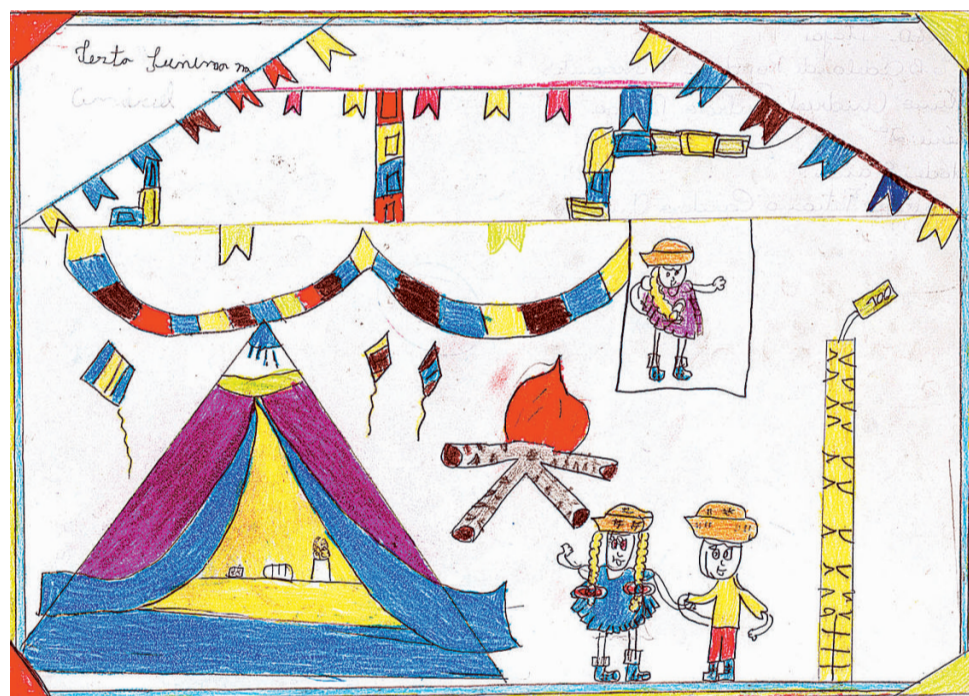
Dia de festa na escola

Depois de curtir as festas juninas, os pequenos estudantes da Escola de Educação Básica Adelaide Konder, de Navegantes, deixaram as pipocas de lado e partiram para a atividade de aula. A professora Tatiana Cardoso Anacleto desenvolveu um trabalho sobre Festividades Juninas com os alunos do segundo ano.

Através de entrevistas com familiares, debates na escola, confecção e criação de enfeites juninos, as crianças aprenderam esta tradição cultural. Para concluir, foram realizados desenhos em que todos expressaram os seus conhecimentos. Confira os trabalhos.



Luciano Aguiar Dias Mendes, 8 anos, 2º ano



Andriel Pedrosa Braga, 9 anos, 2º ano



Jheniffer Carione Anacleto, 7 anos, 2º ano



Alisson Luiz Melo, 8 anos, 2º ano



Dicson Felício, 9 anos, 2º ano

Uma conversa com os orientadores

Neste período de tanto “será” (que vou gostar do curso escolhido, que vou me dar bem profissionalmente...) um auxílio importante pode ser conversar com os chamados orientadores vocacionais, aqueles que fazem os testes que podem direcionar o aluno.

Apontar uma área que o estudante se identifica, no entanto, não significa a resolução do problema da dúvida. Outras atividades terão que ser conjugadas a este trabalho, como a conversa com profissionais e a leitura de guias. A coordenadora do Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP) da UFSC, Dulce Helena Penna Soares, alerta que é preciso cuidado com os testes. Ela

explica que não resolve o dilema dos estudantes conhecer as habilidades, porque, na maioria das vezes, as pessoas já sabem o que gostam e fazem bem.

– Escrever com facilidade e ganhar elogios do professor pode indicar para jornalismo, por exemplo. Mas é matéria que este aluno quer escrever? ele quer se submeter às regras de determinado veículo de comunicação? os temas do trabalho agradarão? – questiona a eficácia do método.

A conversa em casa, segundo complementa a psicóloga Rosele Schütz, pode ser tão importante na definição do futuro profissional quanto a com um especialista. Os pais devem orientar sempre, mas nunca impor a escolha. Ela faz questão de ressaltar que ninguém é feliz fazendo o que não gosta.



Bruno Valentim e Danusa Motta sabem qual a profissão que pretendem seguir

Certeza é exceção

Os estudantes do terceiro ano do ensino médio do Instituto Estadual de Educação, Bruno Valentim, 18 anos, e Danusa Motta, 17 anos, sabem que são quase exceção entre os vestibulandos. Eles têm certeza da profissão que querem seguir. Sem titubear, ela logo responde sobre sua opção no vestibular:

– Quero fazer agronomia para trabalhar na fazenda dos meus pais no Rio Grande do Sul. Desde pequena sonhei com isso por gostar de lidar com gado e com plantas – conta Danusa.

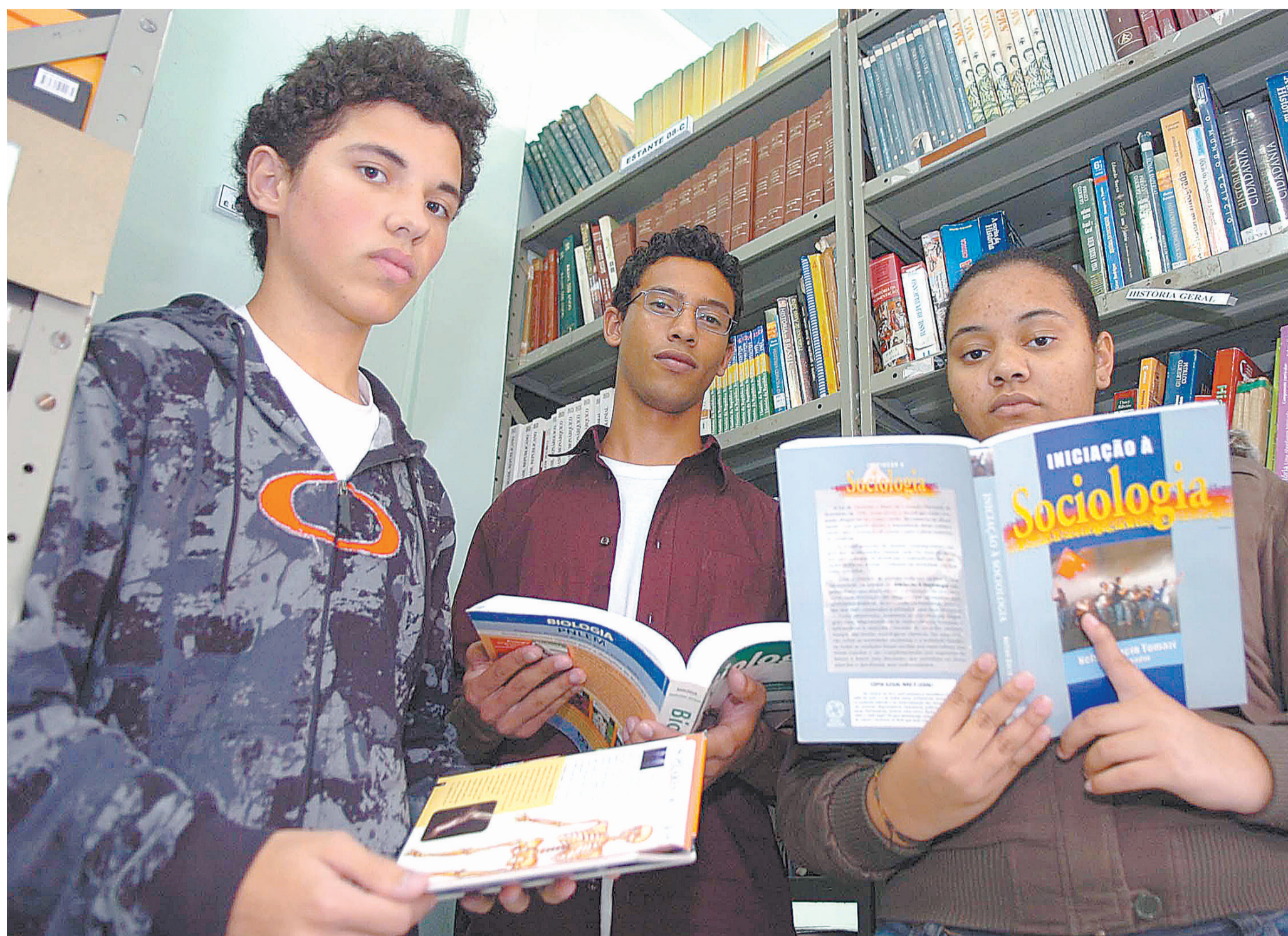
Para se certificar de que o curso corresponderia às suas expectativas, ela procurou a ementa das disciplinas da faculdade em que pretende entrar e informações sobre a profissão na internet. O colega Bruno, também certo de que quer fazer Direito na UFSC e Adminis-

Para navegar

- www.estudantes.com.br
- www.guiadasprofissoes.com.br
- www.10emtudo.com.br
- www.educacional.com.br
- www.nace.com.br
- www.escolhasaprofissao.com.br
- www.portaldeensino.com.br
- www.universia.com.br
- www.educacao24horas.com.br

tração na Udesc, usou a mesma ferramenta para descobrir se seu sonho correspondia à realidade dos cursos e da profissão.

– Poucos têm a nossa certeza em sala. Há quem ainda nem tenha noção do que vai fazer ou que pense entre três cursos de áreas distintas – comenta Bruno.



Moisés Medeiros (E) já perdeu noites de sono na dúvida do que fazer, Ana Cláudia Demétrio teme a concorrência com alunos de escolas particulares e Tadeu Gondin lembra que os pais também exercem pressão

Medicina ou Artes Cênicas? Por mais bizarra que a dúvida pareça, ela existe. E nesta época do ano, a mais temida pelos candidatos a calouros, só o que poderia causar espanto nos cursinhos é se alguém não tivesse medo de errar.

A incerteza na hora de assinalar a opção no vestibular atinge dois em cada três vestibulandos, segundo especialistas.

– Já perdi noites de sono pensando na escolha. Começo a projetar o futuro, penso se o caminho que escolhi foi o certo – conta o estudante Moisés Marçal Medeiros, 17 anos, do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Simão Hess, na Capital.

Em 15 minutos de conversa, ele não deixa dúvidas ao ouvinte de que tem conhecimento o suficiente para fazer uma escolha consciente. Moisés visitou cursos nas faculdades, conversou com universitários e acompanhou profissionais dos ramos que lhe

atrai. A indecisão, no entanto, permanece: médico ou ator?

Neste ano, mais de dois milhões de estudantes tentarão uma carreira universitária no país. São quase duas mil instituições de ensino superior, entre particulares e públicas. A grande variedade de cursos acaba por gerar no aluno mais indecisão, e as possibilidades aumentam a cada ano. Só na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) há 65 opções para o aluno cursar.

Os fatores que pesam na escolha

Definir o futuro profissional é um di-

lema para quem não teve a sorte de querer seguir determinada carreira desde pequeno e chegar no vestibular com a mesma opinião. Não bastasse a variedade de cursos disponíveis, há a indecisão entre optar pela vocação, pela necessidade do mercado, pelo status, pelo retorno financeiro ou pelo índice candidato/vaga.

É comum, principalmente em colégios públicos, perceber alunos decidirem o curso em função da menor concorrência. Ana Cláudia Demétrio, 17 anos, diz temer competir com alunos de escolas particulares ou dos famosos cursinhos. Estudante do Simão Hess, ela não pretende deixar que os índices façam a es-

colha, mas ainda não está certa se, na ficha de inscrição do vestibular deste fim de ano, vai optar por Ciências Sociais ou Psicologia.

Quando se pensa que a lista dos empecilhos à escolha da carreira pára por aí, alunos do mesmo colégio como Felipe Tadeu Gondin, 17 anos, lembram da pressão dos pais. No seu caso, admite que a mãe diz para ele fazer algo que dê dinheiro.

– Já pensei em História, Arquitetura e, agora, estou me decidindo por Design. O problema é que, de um lado, fica meu desejo e, de outro, as opiniões. E sou conservador, acho que a escolha é para sempre – comenta.

Para escolher

> Pesquise sobre o que faz cada profissional, como está o mercado de trabalho e o salário médio;

> Ouça o que os pais pensam do assunto, converse, conte seus planos, troque idéias, mas não os deixe escolher por você;

> Converse com um profissional da área para saber sobre a rotina do trabalho, as experiências e conhecer o lugar de trabalho;

> Se tiver possibilidade de conhecer o curso/universidade, também pode auxiliar;

> Às vezes, o professor de uma disciplina é tão bom que empolga, mas isso não quer dizer que você deva escolher uma profissão relacionada a aula dele;

> Não esqueça que o mercado de trabalho é dinâmico: às vezes uma profissão que está em alta no momento pode não estar em alta daqui a 10 anos;

> Uma forma de diminuir a pressão é saber que a escolha profissional não precisa ser para sempre.

Entre a promoção social e a lei

A afinidade com as crianças a faz querer ser assistente social, mas a vontade de ser promotor de Justiça a faz não ter certeza do que vai escolher para prestar vestibular: Serviço Social ou Direito?

Cherranea Gama, 16 anos, também estuda no terceiro ano do ensino médio do Instituto Estadual de Educação. Ao contrário dos colegas da hora de intervalo, Danusa e Bruno, ela confessa que a dificuldade de optar entre um e outro curso a deixa angustiada.

– A primeira coisa que penso quando acordo é o que vou colocar naquela ficha de inscrição – diz.

Por enquanto, a única certeza de que ela tem é que será assistente social ou bacharel em direito. Para chegar a tal conclusão, visitou assistentes sociais e assistiu a júris, já que pretende trabalhar no Ministério Público, caso escolha Direito.

diario.com.br

> Faça o teste vocacional extraído do Guia do Estudantes no www.diario.com.br

Atenção

É comum que as escolas programem visitas a faculdades e palestras com profissionais de áreas diversificadas, bem como com psicólogos para orientar os estudantes. Até mesmo alguns professores podem ajudar os alunos a esclarecerem certas dúvidas sobre profissões e escolhas com bate-papos em sala de aula. Mas uma forma de receber orientação especializada sem pagar nada por isso é procurar o Serviço de Atendimento Psicológico da UFSC, que fica em frente ao estacionamento do Centro de Convivência. O telefone é (48) 3721-9402.



Cherranea Gama, 16 anos, do 3º ano, gosta de estar com crianças, mas também tem inclinação para o lado jurídico

Para opinar temos que ler

CRISTIANE ELISE BASTOS SILVA (*)

Vvivemos numa época em que assuntos são expostos e absorvidos instantaneamente. Jornais, revistas, rádios, internet, todos os dias bombardeiam informações; o mundo gira. Se pararmos não amadureceremos nossas idéias, nossas posições. Para sermos seres críticos e envolvidos nas malhas da nova era da comunicação, temos que ler, todo instante, informações, argumentações, novas opiniões e tirá-las de dentro das mangas.

Quando se pensa em informação rápida, a menina dos olhos é a internet. Ágil e de fácil manuseio, ela vem conquistando um espaço enorme em nossas vidas. Entretanto, devemos tomar cuidados com seu uso, principalmente, no que diz respeito à grafia, visto que vem surgindo uma nova língua em textos e redações escolares: o internetês. Professores

vêm como uma ameaça à escrita e tem-se tomado muito cuidado na hora das correções. Como combater e separar essa grave ameaça dos bancos escolares?

Bem antes da invasão eletrônica nas vidas escolares, o professor utiliza uma estratégia, a fim de que seus alunos desenvolvam bons textos, tanto na grafia, quanto em seu conteúdo. Unir leitura e interpretação, com certa comunicação, temos que ter, a todo instante, informações, argumentações, novas opiniões e tirá-las de dentro das mangas.

E no momento da escrita? Quais as dúvidas dos alunos? Como expor suas idéias? Mais uma vez, o professor deverá coordenar tais pensamentos, cercear as opiniões e direcioná-las, para que o aluno possa expressar-se, construindo e conquistando seu espaço de crítico. A oralidade é

um instrumento que o professor deverá utilizar da melhor maneira, sendo que as opiniões aflorarão, tanto que os próprios alunos perceberão seus próprios conhecimentos de mundo, como um jogo de quebra cabeças, a fim de unir as peças e montar, enfim, o texto final.

Mas não só de debates e rápidas leituras de textos em aula constrói-se um bom texto. A leitura diária de muitos assuntos, pouco ou muito complexos é que será a peça-chave para ter-se opinião e poder expressar-se. Um aluno que lê, estará preparado para enfrentar as labutas do dia-a-dia. O segredo para destacar-se entre tantas outras mentes é simplesmente a leitura. Tenham-na como um hábito e pódios serão alcançados em nossas vidas, sempre em primeiro lugar.

(*) Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira



FOTOS: GILACON COURRE

No Sapiens Circus, o ambiente é automatizado, com telões, projetores, sistemas de iluminação, som e mesas interativas (foto) que fazem os visitantes deixarem de ser espectadores para participar

Nunca se falou tanto em sustentabilidade e biodiversidade. Os temas estão em voga e são de gente grande. Isso até os alunos da segunda série do ensino médio de escolas públicas do Estado participarem da Gincana do Milênio.

Nada de correria pelas quadras do colégio ou de gritos de guerra. Para participar dessa gincana tem que estar sentado em uma sala, em silêncio, para ler as tarefas com atenção. A Gincana do Milênio é feita pelo computador, com equipes formadas por estudantes que nem precisam ser da mesma turma.

Apesar da concentração que exige, essa gincana pode ser tão ou mais atraente quanto a convencional. Aliando a vontade dos alunos de estarem em contato com a internet à dos professores de fazerem com que aprendam sem cair na rotina da sala de aula, a Gincana do Milênio desperta interesse nos participantes:

– A competição utiliza uma ferramenta apreciada por eles para fazê-los pensar e ensiná-los sem que percebam. Enquanto, na verdade, por trás de toda a ludicidade dos jogos da gincana está o mesmo objetivo de sala – comentou a professora de física Fernanda Tonetto.

Uma gincana cibernética

Ela acompanha a euforia dos alunos diante das tarefas da competição porque é uma das duas professoras chamadas aliadas do Colégio Henrique Stodiek, na Capital. O papel da professora aliada, no caso a de Física, é auxiliá-los nas atividades que, segundo ela, faz com que esqueçam até sites de relacionamento, como Orkut e Messenger.

Neste momento, as equipes aguardam ansiosas pelo resultado da avaliação do projeto social que elaboraram para a escola ou comunidade local, que é a última atividade da competição. Se é que não se pode dizer que é nesta fase que a brincadeira passa de virtual para real, já que os vencedores ganham um chamado financiamento semente para a implementação do projeto, integrando uma rede mundial de jovens empreendedores sociais.

Ferramenta integra cinema e teatro

Quem chegou a finalista sabe que a caminhada até aqui foi longa. No início da gincana, alunos, professores e diretores conheceram uma nova ferramenta pedagógica que integra elementos de cinema, teatro e gincana, no Sapiens Circus, em Florianópolis. A estrutura lembra a de um circo tradicional, mas

o ambiente é automatizado, com telões, projetores, sistemas de iluminação, som e mesas interativas que fazem com que os visitantes deixem de ser espectadores e passem a participar.

Lá, a meta era criar um remédio contra uma doença epidêmica trazida para a Amazônia por um inseto alienígena, com cliques das mãos na mesa interativa. Depois, os alunos formaram equipes e passaram a desenvolver atividades virtuais, nas salas de informática das escolas, em casa ou em lan houses. A etapa virtual contou com o Quiz (um jogo de perguntas e respostas sobre Sustentabilidade), o Aponte no Mapa (um jogo sobre a economia, a geografia e a cultura de Santa Catarina), e o Simulador, uma cidade virtual que sofreu um desastre natural e que os alunos precisaram ajudar a reconstruir tomando decisões coletivas.

Não faltou trabalho aos participantes da gincana. Mas também não faltou vontade de atingir os objetivos. Os colegas de competição Renan Paes, 15, Diego de Sousa, 16 anos, e Alfredo França, 17, que o digam. Na etapa virtual, mal escutavam quando questionados.

– O mais legal é poder contribuir com idéias nossas, principalmente no projeto final – contou Renan, sem tirar os olhos da tela.

Objetivos da Gincana do Milênio

- > Incentivar o uso educativo das tecnologias de informação e comunicação na escola;
- > Oportunizar a educação tecnológica para alunos e professores;
- > Incentivar os alunos a buscar informações e conhecimento utilizando as tecnologias de informação e comunicação;
- > Estimular o trabalho em equipe e a autonomia dos alunos por meio de experiências memoráveis e concretas;
- > Estimular o empreendedorismo social juvenil;
- > Disseminar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e conceitos de Sustentabilidade;
- > Abordar e valorizar temáticas regionais de Santa Catarina.



Colegas Diego, Alfredo e Renan concentrados na realização da tarefa virtual

O corpo está em evidência

As professoras Cristiane Muller Zart, de Artes, e Leila Andrade, de Inglês, desenvolveram um trabalho conjunto com estudantes da 5ª a 8ª série da Escola Estadual Básica Carlos Culmey, no município de São Carlos, no Oeste de Santa Catarina, unidade que pertence à Gerência de Educação sediada em Palmitos.

Elas apresentaram aos alunos os valores sociais da sociedade contemporânea, em que o corpo assume um papel de destaque.

A partir desta constatação, há uma valorização dos esportes, seja através do rendimento dos atletas, da reabilitação física, do lazer, de espetáculo ou o esporte praticado nas escolas. Este último integra os conteúdos de Educação Física, que fazem parte do currículo regular.

Conforme as professoras, o esporte deve ser um mecanismo de in-

clusão, através dos jogos esportivos, cooperativos, brincadeiras, para que possam desenvolver os saberes pessoais, cognitivos e sociais das crianças e dos adolescentes.

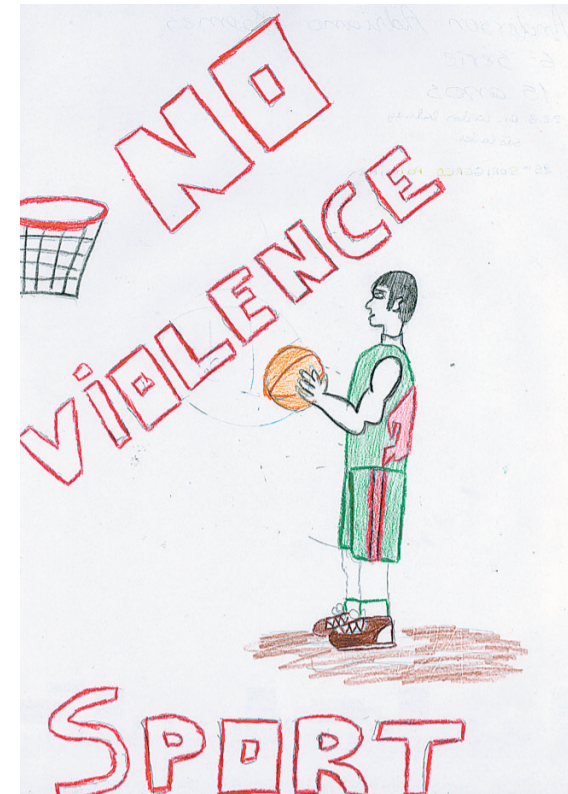
O trabalho em sala de aula visou favorecer a formação integral da criança, assegurando o seu crescimento nos campos físico, sócio-emocional e intelectual. Com isso, argumentam as professoras, obtém-se saúde psicofísica, bom equilíbrio emocional, boa adaptação e ajuste social, domínio de si e educação do movimento.

Cristiane e Leila salientam que a Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais. Permite, ainda, que se perceba como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana, afirma.

O colégio Carlos Culmey atende 380 crianças desde a pré-escola até a 8ª série. São ensinados vôlei, futebol, atletismo, além de aulas de dança, caminhadas ecológicas e recreação.



Jandir dos Santos Rodrigues, 16 anos, 8ª série



Anderson Adriano Lemes, 15 anos, 6ª série



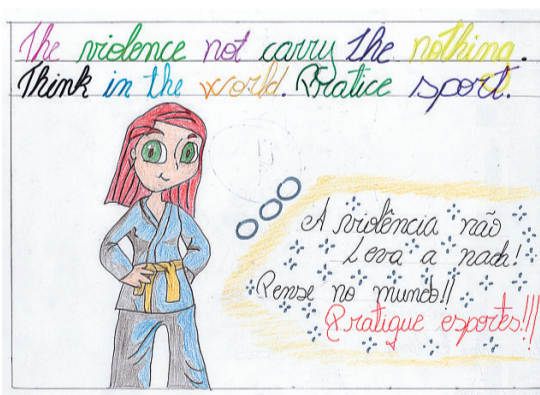
Vanessa de Moura, 13anos, 7ª série



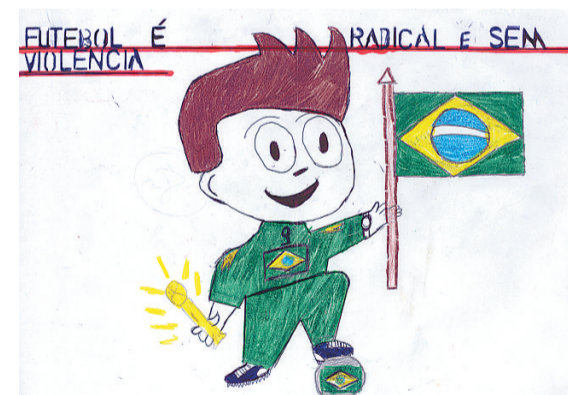
Luana Lucatel Pereira, 13anos, 7ª série



Sara Ripplinger, 10 anos, 4ª série



Natâne Ramos, 13 anos, 7ª série



Edson Schmitz, 13 anos, 6ª série



Fábio Saver, 13 anos, 7ª série



Andressa Lopes da Silva, 14 anos, 7ª série



Mixél Codogno, 12 anos, 5ª série

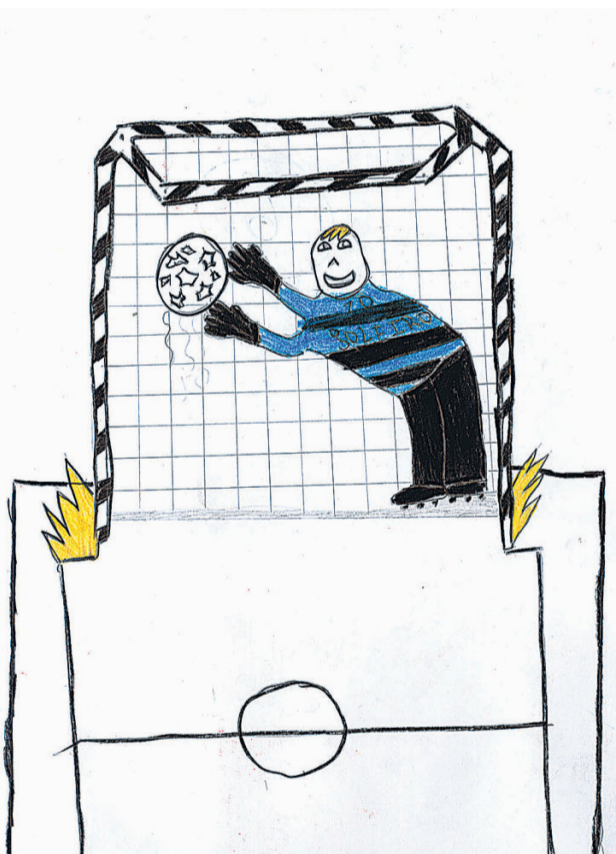
PRACTICE SPORT AND HAVE HEALTH!
 PRATIQUE ESPORTE E TENHA SAÚDE!



Camila Ternus, 14anos, 8ª série



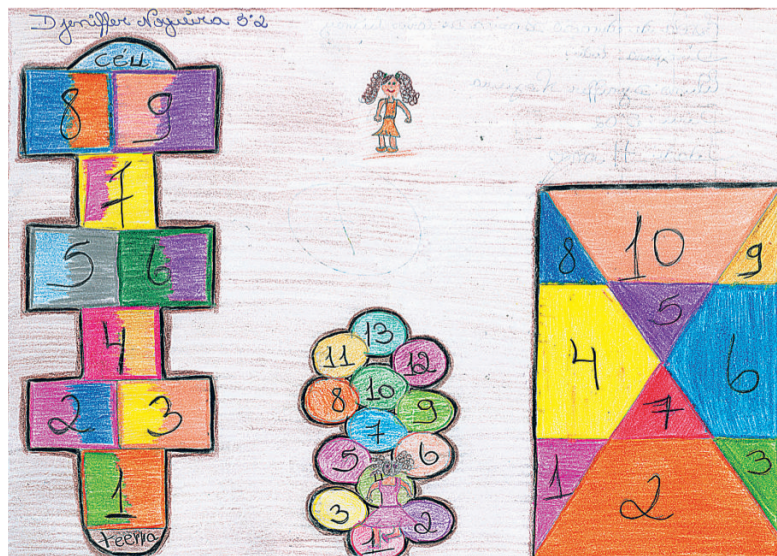
Djessica Pivos, 10 anos, 5ª série



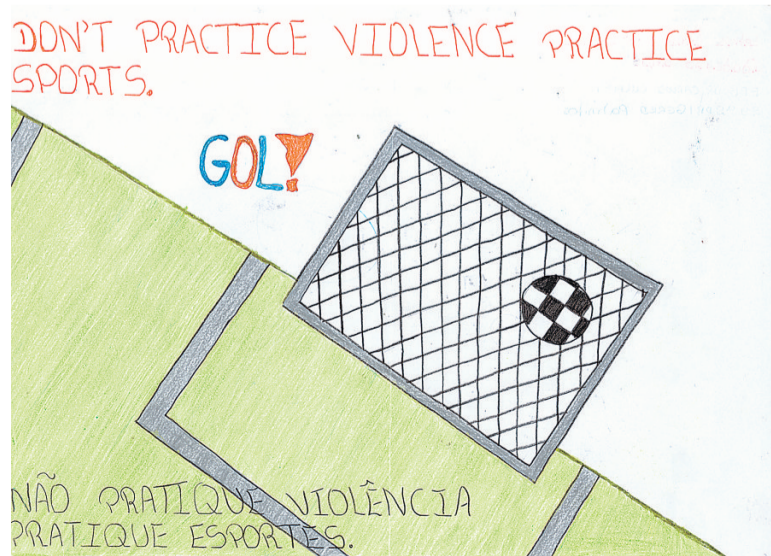
Luiz Padilha, 11 anos, 5ª série



Thayna Paim Dumont, 11 anos, 5ª série



Djeniffer Nogueira, 11 anos, 5ª série



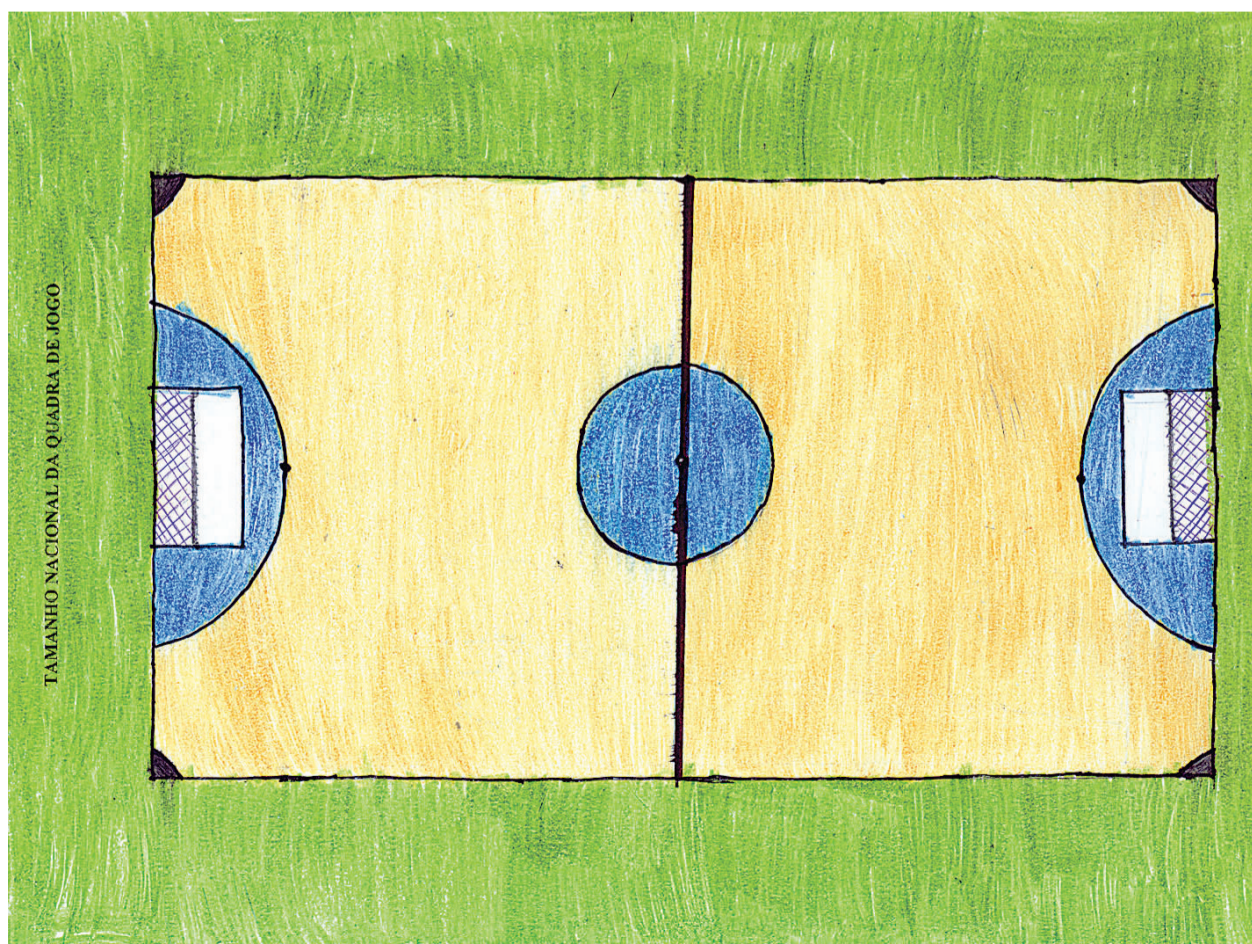
Leticia Gross, 13 anos, 7ª série



Rosimeli Souza Borges, 14anos, 5ª série



Meurien Aparecida Brautz, 10 anos, 5ª série



Alexandro Carvalho, 5ª série



Marco André, 10 anos, 5ª série

Desenho e saúde pública

“Mosquito da Dengue”, o inseto que infernizou vários estados brasileiros no último verão, foi o tema do trabalho desenvolvido na Escola Estadual Básica Valdete Inês Piazzera Zindars, de Jaraguá do Sul. Foi elaborado pela professora de Artes Cristina Pretti, que pretendia informar os estudantes sobre os riscos

da doença e as prevenções contra uma epidemia.

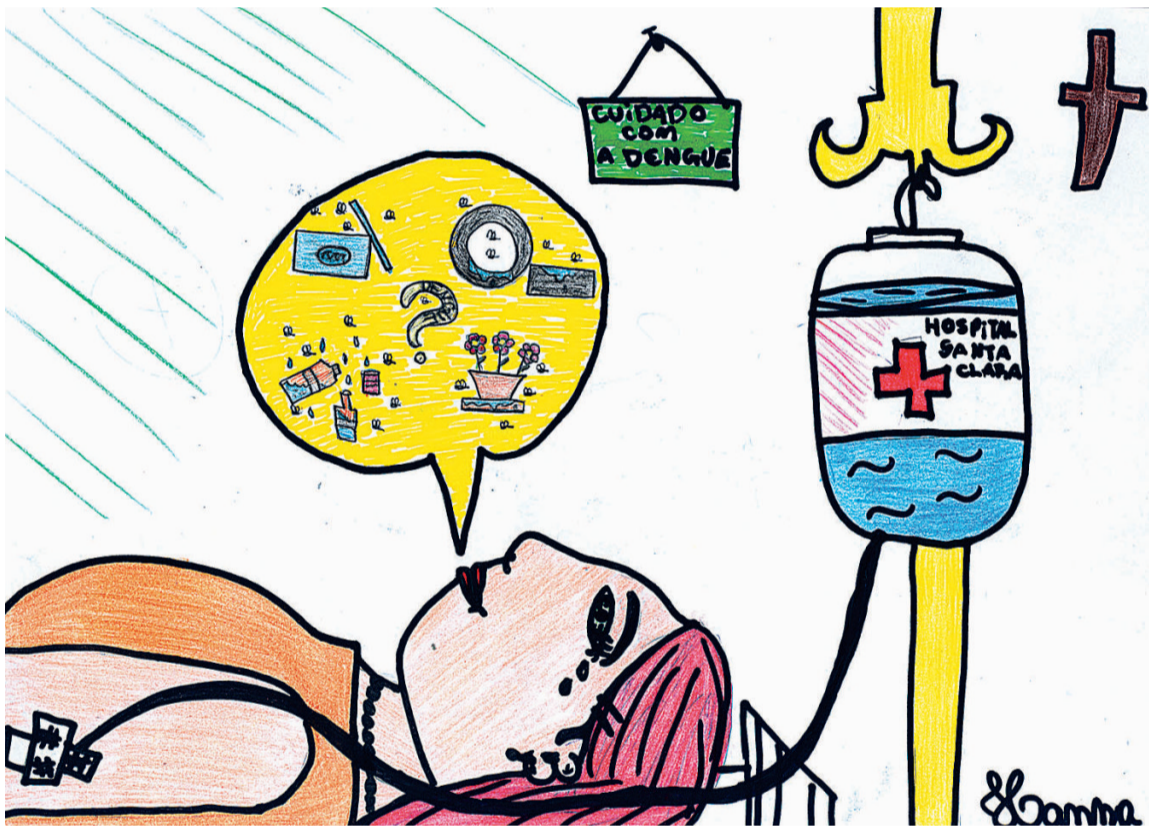
Antes da turma chegar aos desenhos expostos nesta página, a professora deu uma aula sobre o tema. Depois, apresentou noções sobre a construção do personagem inseto e noções de cartoons e de charges. Cada aluno fez um esboço preliminar, recebeu nova orientação e, por último, partiu para a arte.



Mayara Braun, 11 anos, 5ª série



Vitória Ito Roza, 9 anos, 4ª série



Hanna Glasenapp, 12 anos, 7ª série



Guilherme Machado, 10 anos, 4ª série



Bruna Venturelli, 10 anos, 4ª série